

ANOTAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE
GILBERTO FREYRE

Renato Carneiro Campos

Diretor do Departamento de Sociologia do
Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
Escritor, sociólogo

O crítico literário e de idéias diante da obra de Gilberto Freyre terá, sem dúvida, diversas portas para o seu estudo. todas elas levando-o à originalidade da criação, seja do ponto de vista do estilo, seja do das evocações históricas e das idéias filosóficas manifestadas em ensaios e deixando de lado a ciência antropológica e os métodos sociológicos. O que ressalta, desde logo, é uma forte individualidade, uma maneira pessoal de olhar o mundo e explicar os fenômenos não só sociais como artísticos à luz não apenas de conhecimentos que são frutos de uma herança cultural mas da própria experiência, a experiência que Leonardo da Vinci chamava de "mestra das mestras" e que Camões tanto enalteceu. Individualista no sentido que é todo homem realmente criador, diferente dos divulgadores e recitadores de obras que não lhe pertencem. Sendo escritor que trabalha para a vida e não para enfiar arquivos, desligado de uma erudição que possa significar saber morto, pode ser considerado um conquistador particular dos mistérios da Arte e da Ciência, levantando véus à custa de suas idéias e das suas investigações, espectador que ele é realmente volutuoso dos fatos que mais pareçam insignificantes da Natureza e das relações humanas. Fatos que não são apercebidos de modo inteiramente gratuito e sem conseqüências, transformados, porém, em símbolos de suas reflexões filosóficas, científicas e artísticas.

O crítico Bernardo Gersen aproximou-o das grandes figuras da Renascença, pela universalidade do seu pensamento, pelos conhecimentos amplos de diversos ramos do saber humano e, ao mesmo tempo, pela forte individualidade de sua mensagem. O universalismo de Gilberto

Freyre, dizemos nós, tem por base o indivíduo, a região, o particular, sem a glorificação, é certo, nem do indivíduo nem da Natureza à maneira de Rabelais, e sim partindo do particular para explicar o geral, aceitando lucidamente as diversidades regionais, sobretudo as que dizem respeito aos valores culturais e históricos. Aceitas essas peculiaridades regionais como temas artísticos pelo que elas signifiquem de oposição a um centralismo arbitrário sob a base da uniformidade do espírito humano. É um regionalismo apoiado na tradição, no que ela representa de expressão viva de valores culturais permanentes, valores que formando como uma espécie de corrente possam explicar fenômenos atuais e projeções sobre o futuro. E partindo do antigo para justificar o novo, tem como certo que em determinados setores do conhecimento humano não existe passado como é o caso da Literatura e das Artes. "Todas as épocas são contemporâneas! Isto é aplicável à Literatura na qual a duração nada tem a ver com o tempo, e donde há mortos que são contemporâneos de nossos netos..." são palavras de Ezra Pound e que Curtius parece endossar no seu monumental *Literatura Européia e Ida-de Média Latina*. Não tem sido outro o critério de tempo, por assim dizer estético, de Gilberto Freyre.

Se na França, pela primeira vez, o regionalismo surge como movimento organizado, ou seja dentro de um objetivo mais político que lhe deu Charles Maurras, desenvolvendo a seu modo Le Play, ou de modo quase pitoresco na preservação de um linguajar provinciano já arcaico, através de literatura quase desligada de valores mais universais, como tentou Frédéric Mistral, e em outros países mais se assemelha a simples anzol para pescar assuntos folclóricos e políticos com a finalidade de exacerbar sentimentos por vezes ultranacionalistas, outras vezes, separatistas, a filosofia regional de vida e cultura desenvolvida por Gilberto Freyre ao procurar reintegrar-se no Brasil. depois dos seus estudos nos Estados Unidos e na Europa. seria uma filosofia nova. Filosofia com base mais social do que política e mais cultural do que social e que não é simples interpretação, pois pretende transformar e indicar rumos mais verdadeiros para a Literatura e para as Artes. É certo que recebeu influências das idéias de Maurras e Mistral principalmente, cujos adeptos conheceu em Paris, ao mesmo tempo que os sindicalistas revolucionários de Sorel; mas a par com outras sugestões também importantes: o convívio, através de leituras e pessoalmente, com escritores pertencentes à chamada "Renascença Irlandesa", empenhados na revivência céltica, sobretudo Yeats, as leituras, ainda, de autores como Angel Ganivet, que defendia perante Unamuno os valores culturais mouros implantados na Península Ibérica e como Ramon Lulio, remoto inspirador de Ganivet e de quem Gilberto Freyre fez o seu maior objeto hispânico de culto. Isto tudo, porém, com um revestimento filosófico que tem sua origem na Filosofia Nominalista — da qual se inteirou em Oxford — de opor o particular ao geral, o concreto ao abstrato. Filosofia que ele parece ter completado e melhor interpretado, quando através de páginas magistrais, contidas em *Vida, Forma e Cor*, aplica muito dos

seus conceitos às realidades brasileiras. Essas camadas de influências, que se podem chamar em relação a Gilberto Freyre de uma erudição transformada e assimilada, longe de sufocarem a sua forte personalidade, possibilitaram sua afirmação como pensador pelo uso que fez delas.

Desde 1923, quando do seu regresso da Europa, que Gilberto Freyre vem tentando esboçar um rumo artístico de conteúdo permanente não só para os brasileiros como para todos os povos tropicais: o seu regionalismo em grandes dimensões. Apesar de ser um bem-nascido, de ter feito sistematicamente todos os estudos universitários graduados e pós-graduados nos Estados Unidos e ter freqüentado meios universitários da Europa, os seus olhos não desprezaram os nossos valores populares, a cozinha do povo, a sua linguagem, crenças e costumes. Por essa época, jovens artistas e escritores desarvorados e sem caminhos, que viam no Brasil uma pobre terra de mestiços e que não enxergavam o material para suas artes por estar tão próximo, sufocados por tirania acadêmica em pleno furor, encontraram em Gilberto Freyre um guia moderno e, ao mesmo tempo, selecionador e protetor dos nossos melhores motivos regionais e tradicionais. Ninguém foi mais de sua época e do próprio futuro na procura de uma arte e de uma ciência novas que refletissem a sociedade e a vida do seu tempo e que tivesse larga projeção por todas as épocas. Não foi um vóo cego nem atitude meramente revolucionária. Ele entrou em contato vivo com os problemas de sua geração, não se deixou ficar hirto e plantado num gabinete de estudos, movido pelo gosto de escrever para eruditos, receoso da opinião asperamente pública. E mais do que cientistas como Boas, Giddings e Seligman, dos quais foi discípulo, o contato com as idéias de Maurras, Frédéric Mistral, Yeats, Ramon Lulio, Angel Ganivet, as leituras de ensaístas filósofos como Nietzsche e Walter Pater, de romancistas como Hardy, dos dois Lawrences, de escritores russos que ele considerava tão próximos do Brasil, o convívio com o crítico H. L. Mencken, as leituras e releituras de Proust, Joyce e Eça de Queirós, o contato ainda com o movimento Expressionista alemão (Teatro, Pintura, Literatura), levaram-no a criar e organizar o chamado "Movimento Regionalista e Tradicionalista", ao seu modo revolucionário no sentido da mais pura modernidade e que grande repercussão iria ter na cultura brasileira, sem alto-falantes e clarins.

Gilberto Freyre conviveu pessoalmente com Yeats, Vachel Lindsay e Amy Lowell. Apurou com os imagistas o gosto pelo emprego da palavra exata, não a apenas aproximativa ou simplesmente decorativa. Recorda ele, em seu ensaio sobre Amy Lowell, a recomendação que ela lhe fizera para que procurasse, em Paris, a James Joyce. Joyce significava um artista que podia ser de qualquer lugar do mundo, pela universalidade do seu pensamento, marcado, porém, por uma religião católica que ele tinha repudiado; e perseguido por recordações irlandesas em seu exílio voluntário. Filho de um país, naquela época, de tradição cul-

tural profunda porém obscura, querendo afastar de si uma carga de vivências que lhe doía, em sua luta mais se tornava irlandês: tão irlandês que não podendo se expressar na língua do seu povo, violentou o inglês, fez uma língua sua, de Joyce.

Os críticos ligam muito o nome de Proust ao do autor deste livro. Do Proust saturado dos salões aristocráticos, extremamente literatizado, integrado numa literatura em sua essência, mundana, como a considera Curtius, está próximo Gilberto somente em sua experimentação de artista, no método de investigação dos fenômenos da vida, na preocupação com o problema tempo e também em sua concepção de Literatura ou de análise do Homem íntimo, fechado, sexual, ao repudiando os sentimentos decalcados, as simples imitações da vida. Joyce, todavia, representa quase esses mesmos valores e mais outros, num conjunto do qual o autor de *Assombrações do Recife Velho* parece estar ainda mais próximo. Há em Joyce uma espécie de Paganismo católico do mesmo modo que em Santayana, uma forma de Catolicismo que não deixa de ser dramática e menos rica de sugestões existenciais e artísticas. Catolicismo que também se encontra em Gilberto Freyre, embora neste haja também um místico à maneira de certos místicos espanhóis, entre Católicos e Islâmicos.

Com muita freqüência críticos estrangeiros comparam a obra de Gilberto Freyre com as de grandes romancistas: Proust (Roger Bastide), Dostoiévski e Balzac (Leon Mathias), Cervantes e Tolstoi (Nouvelle Revue Française). Consideram-na, algumas vezes, como uma obra épica da Literatura (André Rousseaux em Le Figaro Littéraire). Outros dizem que Gilberto Freyre poderia ter sido — se quisesse — “grande romancista”.

Se é verdade que começou uma nova era do romance quando os romancistas descobriram que a Verdade era mais extraordinária que a Ficção e que os grandes romancistas contemporâneos como Proust, Joyce e Kafka não inventaram, apenas eram possuidores de uma percepção fora do normal, registradores de estados fugitivos e quase desapercibidos, podemos considerar alguns livros de Gilberto Freyre bem próximos dessa concepção de romance. Baudelaire considerava Balzac um historiador. Alguns críticos não aceitam como romance a obra de Proust. Ortega y Gasset diz que lhe falta ação. Tolstoi precisou ser também historiador para expressar a alma do seu povo. Não será *Os Sertões*, de Euclýdes da Cunha, uma grande epopéia literária brasileira? Epopéia a que não falta um grande personagem, personagem símbolo de determinada população do nosso País, vivendo um tempo social diverso de outras regiões, que é Antonio Conselheiro, mártir e herói nas páginas do grande escritor brasileiro. Gilberto Freyre, aliás, considera *Os Sertões* um livro também de poesia. “uma espécie daqueles romances de Thomas Hardy em que a paisagem está sempre entre os personagens do drama, uma como mensagem de profeta preocupado, como outrora os hebreus, com o destino

de sua gente e com as dores do seu povo". Lytton Strachey criou uma Rainha Vitória, desconhecida por ela própria, numa caracterização em que completavam a sua personalidade o julgamento e as observações do povo inglês, acrescentadas de interpretações de um analista do Gênio. Tornou-se ela, um personagem símbolo, encarnando o romantismo político do inglês, o esplendor e segurança do Império Britânico, os costumes austeros de uma época de vida imperial e seus reflexos na vida do povo. Através desse processo psicológico de recriação de uma figura histórica ou mais do que histórica, o historiador se como que de romancista: criou um personagem. Do mesmo modo Gilberto Freyre, ao retratar D. Pedro II e ao identificá-lo quase de maneira total com o 2.º Reinado e identificar Ruy Barbosa com a 1.ª República, recria figuras apenas históricas em figuras mais do que históricas, extraindo de simples fatos valores simbólicos e sugestões representativas. É aliás o que realiza também ao desenvolver sua interpretação da vida brasileira em torno de símbolos como *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Jazigos e Covas Rasas*.

Há uma linguagem poética em muitos trechos dos livros de Gilberto Freyre, sobretudo em livros como *Nordeste*, *Aventura e Rotina*, *Região e Tradição* e nos guias sentimentais e históricos de Olinda e Recife, que um crítico literário da *Nouvelle Revue Française* já destacou. Foi mal compreendido por cientistas empedernidos que faziam por não entender a sua linguagem e por literatos de ouvidos tortos que esqueciam o escritor por ele tratar de assuntos científicos, pretendendo limitá-lo a puro "sociólogo" ou "antropólogo", todos longe das palavras de Heidegger: "A essência da Arte é a Poesia. Porém a essência da Poesia é a instauração da Verdade. A palavra instauração a entendemos aqui em triplo sentido: instaurar como oferecer, instaurar como fundar e instaurar como começar".

Sabe-se de Galileu que quando tinha vinte e três anos, em 1586, pronunciou uma série de conferências sobre a *Divina Comédia* de Dante, desejoso de verificar, apoiado na Mecânica de Arquimedes e na Geometria Euclidiana, a descrição dantesca do inferno, para estabelecer o tamanho de Lúcifer e dos gigantes e de demonstrar matematicamente que as portas do Inferno não podiam estar senão em Jerusalém. Usou significativamente nesses discursos a língua toscana. Os famosos *Discorsi* de Galileu — diz Max Bense, em *Estética*, de onde foram extraídas estas informações — representam uma das primeiras criações exemplares da prosa artística italiana. Por sua vez, Descartes e Pascal serviram-se do estilo de Montaigne como modelo pela sua concisão e beleza. E muito da melhor prosa francesa poderá ser encontrado nas obras desses dois admiráveis cientistas e também artistas literários franceses. A interpretação da Ciência implica no uso de uma linguagem que expresse da melhor forma o fenômeno verificado, pois mesmo nas chamadas "Ciências Exatas" não se trabalha apenas com os chamados "dados concretos". Poincaré, citado por Wilbur Marshall Urban, em *Language and*

Reality: The Philosophy of Symbolism, diz que tudo que um cientista cria num fato é a linguagem que o enuncia. E desde Aristóteles, passando por Galileu, Pascal e Descartes, até Einstein, não esquecendo filósofos como Hume, Nietzsche, Schopenhauer, Hegel, Bergson e Kierkegaard, cientistas sociais como Spencer, Comte e Durkheim, psicólogos como Freud, Jung e Adler, antropólogos como Frazer, matemáticos também filósofos como Bertrand Russell e Whitehead, que a maneira estética de dizer não tem sido desprezada. E o que acontece com Gilberto Freyre é justamente isto: mesmo no trato de assuntos mais rigorosamente científicos (Antropologia, Sociologia) o cientista não se desliga do escritor. Ele coloca, quase sempre, os seus amplos recursos a um tempo poéticos e plásticos a serviço, em obras científicas, do que para ele é mais do que ciência convencional: a análise do Homem — especialmente do Homem situado no Trópico e mais particularmente no Brasil — como rigorosa busca de um real às vezes mais “real do que o real”.

A sua própria linguagem revela o espírito do Movimento Regionalista e Tradicionalista. Leitor e admirador dos clássicos portugueses, de um Fernão Lopes, de um Fernão Mendes, de um Camões, de um Vieira, a sua prosa tem muito de clássica, de correta nos aspectos gramaticais, o que já foi demonstrado pelo Professor Moacir de Albuquerque, em sua tese *A Linguagem de Gilberto Freyre*. Embora fiel às raízes da língua portuguesa, Gilberto Freyre não é, entretanto, um escritor que apenas escreva bem pois ele é sobretudo um escritor criador: o ritmo da frase, a frequência com que o advérbio substitui o adjetivo, os vocábulos populares brasileiros às vezes bem regionais, porém nunca caipiras: sempre os suscetíveis de universalização ou substituíveis como substâncias existenciais. E a sua linguagem que pareceu a alguns relaxada e até pornográfica, terminou por assombrar a todos, a ser tida, depois, por inteligente construção de um grande escritor, junto de um trabalho reflexivo e não do desejo de escandalizar. Talvez possamos dizer que ele é um escritor plástico. Abusam muito desta expressão. Aceita-a Middleton Murry com muitas restrições, mas que empregamos no sentido do trecho da carta de Tchecov a Máximo Gorki: “Você é um artista, sente estupendamente, você é plástico; é dizer, quando escreve uma coisa a vê e a toca com as mãos: isto é verdadeiro estilo”.

Há expressões desse modo plásticas, que se vêem e que podem ser tocadas com as mãos, vivendo na boca do povo, saídas dos livros de Gilberto Freyre. Foi ele quem repovoou esta cidade de velhos fantasmas e traçou o seu roteiro lírico e sentimental. Ao mesmo tempo quem lhe procura abrir perspectivas de centro moderno de civilização tropical. Quem falar dos seus sobrados “magros”, das suas igrejas barrocas — “menos gordas que as da Bahia”, dos seus mangues de “um verde nem sempre doentio”, das suas mulatas “deliciosamente enxutas”, dos seus pratos regionais “equilibrados entre a Europa e o

Trópico”, dos seus casarões tropicalmente patriarcais, do caráter de sua gente, freqüentemente ouvirá esta observação: “Isto é gilbertiano”. Poetas, romancistas, contistas, têm escrito do massapê, das mulatas, das caboclas, dos sobrados, sob a advertência mental do leitor: “Isto é” ou “isto está muito gilbertiano”. E dentro da literatura brasileira, basta se escrever um romance ou um drama regional, para logo se falar no autor de *Sobrados e Mucambos*: sua inspiração direta ou remota está quase sempre presente nessas criações, sem prejuízo de sua originalidade às vezes brilhante. Falando-se ainda da nossa formação, de colonização hispânica ou portuguesa, na contribuição do africano negro e do mouro para o desenvolvimento brasileiro, em nossa democracia étnica, é difícil, ou mesmo impossível, não se empregar hoje uma terminologia gilbertiana. Assim sendo, até parece que a sua obra de escritor, de pensador, de criador no sentido alemão ou goetheano da palavra é, atualmente, o centro da cultura brasileira: inclusive o que nessa cultura é estético, artístico, literário.

Faulkner, certa vez, declarou, numa entrevista, que determinadas obras jamais poderiam ser retiradas da Humanidade, pois seria o mesmo que retirar uma pilastra, fazendo ruir o edifício. Referia-se ele a essas obras que vivem entranhadas no povo, possuidoras de expressões, idéias e personagens que se desligam das páginas dos livros e passam para as bocas de milhões de pessoas que nunca leram esses livros. Retirada a obra de Gilberto Freyre da cultura brasileira, podemos afirmar que o Brasil, atualmente, perderia a sua forte consciência de nacionalidade. Ocasionaria um enorme vazio a não-existência de sua linguagem, do seu regionalismo como base de uma teoria filosófica, política, cultural e artística de integração inter-regional do Brasil e do Brasil com regiões tropicais afins da sua, as suas concepções de forma e cor nos Trópicos, de tropicalismo, de hispanotropicalismo, de lusotropicalismo do seu sentido de interpenetração de Vida, Ciência e Arte, da revolução do pensamento brasileiro a partir de *Casa-Grande & Senzala*, da valorização da cultura negra no nosso país, que tão fortemente vem se refletindo numa crescente consciência brasileira de democracia étnica, da divulgação de pensadores e escritores estrangeiros a jovens escritores e pensadores brasileiros, dos romances, dos poemas, das pinturas, do teatro, realizados debaixo de sua influência. Influência que tem sido de pensador, de escritor, de artista e não apenas de antropólogo e de sociólogo renovador de métodos de pesquisa científica de repercussão mundial.

Determinadas atitudes oficiais ou oficiosas de críticos ilustres em relação ao “Modernismo São Paulo-Rio” e ao “Regionalismo” do Recife — atitudes que exaltam o primeiro e quase sempre de desatenção ao segundo — vêm encontrando eco em jovens estudiosos estrangeiros do assunto, nem sempre dotados de ânimo ou de recursos para um exame detido de problemas dessa natureza. Um exemplo do que aqui se diz é o do ensaio “*Histories of Brazilian Literature: a Critical Survey*”, de

Mr. Gerald M. Moser, no n.º 2, vol. X (1960), da "Inter-American Review of Bibliography" (Washington, D.C.). Aí se insiste em considerar Gilberto Freyre, em relação à literatura brasileira, apenas sociólogo, em destacar a ênfase que ele daria em dois dos seus trabalhos, publicados em inglês, ao "Movimento Regionalista" por ele próprio organizado, em qualificar sua sociologia de "sociologia tradicionalista" que, por isto mesmo, agradaria aos portugueses e teria levado o crítico português José Osório de Oliveira a seguir Gilberto Freyre em sua interpretação social do desenvolvimento da literatura brasileira. Evidentemente há desconhecimento do assunto. Aí como noutros comentários, igualmente apressados, por parte de alguns estrangeiros, ao que tem sido a verdadeira relação de Gilberto Freyre com as Letras e com as Artes, ao caráter de sua sociologia, aos seus estudos, não de apologética "tradicionalista", mas de reabilitação de tendências características da ação portuguesa e da formação brasileira, contra os exageros de "lendas negras" postas em relevo por brasileiros, portugueses e sobretudo por anglo-saxões. O curioso é que a atitude desses estrangeiros, alguns ainda imaturos, outros já idosos mas incorrigivelmente deficientes no seu conhecimento de assuntos culturais brasileiros como ibéricos, contrasta com a de críticos literários estrangeiros do valor e da eminência de um Aldous Huxley, de um Jean Pouillon, de uma Amy Lowell, de um H. L. Mencken, de um Roger Caillois, de um Alfonso Reyes, de um André Rousseaux, de um Georges Bernanos, de um João Gaspar Simões, que se têm ocupado do que na obra de Gilberto Freyre consideram Literatura, Estética, arte capaz de influir sobre Arte.

Vida, Forma e Cor vem demonstrar de maneira definitiva o que alguns críticos brasileiros não têm desejado ver: um Gilberto Freyre tratando de assuntos especificamente literários. Dessas páginas surge, de modo concentrado e não disperso, um ensaísta literário verdadeiro; e nunca um mestre de escola ou um simples registrador de livros, dois extremos abusivos. Surge um crítico que vem empregando, com notável antecipação, no Brasil, diversos métodos para abordagem da obra literária: o sociológico, o biográfico e o estético-linguístico, de que são provas os seus ensaios sobre José de Alencar, Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos. Não só um crítico literário; também um crítico de Arte que apontou rumos a grandes brasileiros: Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres e Francisco Brennand. O próprio Cândido Portinari, como salientou o conhecido crítico estrangeiro: o Professor Robert Smith.

Muitos se enganam em julgar o crítico um juiz frio e imparcial, pois o que ele escreve, algumas vezes, acontece ser um ato de fé, de admiração, uma louvação que, em última análise, não deixa de ser julgamento ou interpretação. O ensaio de Baudelaire sobre Vitor Hugo, o de Valéry sobre a poesia do seu mestre Mallarmé, as palavras de Dámaso Alonso sobre um soneto de Dante, os artigos de Ariano Suassuna a respeito da pintura de Francisco Brennand, são amostras de trabalhos críticos onde não se surpreende o crítico como um simples dissecador erudito e meticuloso da obra de arte, mas como artista que se empolgou

e compreendeu apaixonadamente a mensagem de outro artista. Se o crítico, por melhor aparelhado que esteja para analisar uma obra de arte, dominando a linguagem do autor, conhecedor de sua época, hábitos e crenças, do seu saber e de sua ignorância, não compreender a mensagem poética que ela contém, é apenas um bem-informado e não um crítico, e esta é a lição que nos dá T. S. Elliot, que sendo poeta é um dos críticos mais lúcidos de sua época.

É o que constatamos lendo as páginas de crítica literária e de Arte de Gilberto Freyre: ficamos surpreendidos não com o crítico literário, o biográfico, o sociólogo da Arte ou o estilista, mas, antes de tudo, com um homem total de extraordinária intuição literária, homem também de letras a quem as leituras não deformaram nem diminuíram, antes aguçaram o juízo crítico. Aparenta pelas citações que faz, pelos conceitos que emite, pela empatia que demonstra em relação com a obra analisada, não escrever e ler somente para criticar e analisar, porém para viver e participar, por prazer e deleite, num sentido em que a Literatura seja também vida e não apenas fichário de idéias e registro de fatos.

Concordamos com as idéias de Gilberto Freyre sobre regionalismo. Não podemos aceitar o lema de alguns escritores do momento: "O regionalismo está morto e superado". Ou a idéia de que o regionalismo e o nacionalismo e sobretudo o regionalismo e o universalismo se repelem. O nosso ponto de vista é o contrário: o de que regionalismo e universalismo podem coexistir e quase sempre coexistem na arte e na literatura dos grandes intérpretes do Homem. Nem as grandes religiões nem as ideologias políticas conseguiram, até hoje, destruir os sentimentos regionalistas, as particularidades culturais de cada povo. O próprio artista necessita mais do que nunca ter uma maneira de expressão particular, própria, caracteristicamente sua. Não nos agradam os cosmopolitas, os apátridas, os turistas permanentes. Possuem alguma coisa de trêfego, de epidérmico, de artificial. Apresentam apenas uma enganosa folhagem que muito cedo fica murcha, pois faltam as raízes, a força de um chão. Compreendemos a indignação de Unamuno diante de semelhante tipo de gente.

Somos da opinião que deve existir, na literatura brasileira, um maior número de escritores que demonstrem, como faz Gilberto Freyre na sua original, e tão universal quanto regional, seminovela, *Dona Sinhá e o Filho Padre*, em suas criações literárias, um profundo entendimento da região onde nasceram e viveram, atentando não apenas para a paisagem no sentido geográfico ou decorativo, mas também para o humano, o social, o cultural. Mas sem fotografar simplesmente as suas observações de toda ordem. Servir-se da vida como modelo, é verdade, mas sem copiá-la servilmente, fazendo com que obras de arte se assemelhem a rasas reportagens ou documentários supostamente científicos. Na obra de arte, a vida — fonte de todas as artes, na lição de Henry James — precisa ser modelada em novas formas, ninguém desconhece, o que

equivale dizer recriada, não podendo, portanto, o artista deixar de inventar, imaginar e até mesmo sonhar. Ele necessita revelar, afastar os véus que cobrem um real mais real do que o próprio real. Entra-se nos mistérios das epifanias, das grandes revelações. A arte é um domínio quase que exclusivo dos mágicos.

Regionalismo sim, mas não considerado em sentido estreito, como sinônimo de caipirismo, localismo ou mau provincianismo, estreitíssimo em seus horizontes. Não nos referimos, está claro, a um regionalismo de exaltação ao matuto, ao sertanejo, ao gaúcho, ao caipira, ao malandro de morro, nem à criação literária que se restrinja ao pitoresco e ao decorativo, no simples afã de recolher epidérmicos sinais exteriores. A paisagem não deve prevalecer sobre o personagem, a linguagem e a mensagem do artista. Não confundir, ainda, regionalismo ou nacionalismo com falsas patriotadas.

Numa literatura tudo não pode — e nem deve — ser exclusivamente regionalista. Seria uma forma de empobrecê-la. Não achamos possível nem conveniente o escritor se afastar de influências de outras literaturas, não só no que elas digam respeito à formação do seu espírito, mas ainda no que faça parte integrante de sua técnica: a parte mecânica da obra literária. André Gide já salientou ser um erro se pensar que se trabalha na literatura européia com obras desnacionalizadas, quando, pelo contrário, quanto mais particular a obra mais útil ela é para o geral. Chama atenção para a confusão que se estabelece entre os termos cultura européia e desnacionalização, concluindo por dizer que, do mesmo modo que o escritor mais individualizado é aquele que apresenta um interesse mais humanamente geral, a obra mais digna da cultura européia se ocupar é, em primeiro lugar, a que represente profundamente o seu lugar de origem. Parece até que ele estava adivinhando a chegada, no cenário internacional, dos brasileiros Gilberto Freyre e Guimarães Rosa, do colombiano Gabriel Garcia Marques, do guatemalteco Asturias, do mexicano Juan Rulfo, do peruano Vargas Llosa.

Houve, de início, no Brasil, com José de Alencar e Gonçalves Dias, principalmente, um regionalismo que se pode chamar de romântico, pela exaltação com que os assuntos brasileiros eram abordados, caracterizando mais o que os escritores desejavam que existisse do que a própria realidade. Um regionalismo, ou melhor, nacionalismo que era mais uma atitude política do que mesmo uma posição artística e literária. Quase tudo feito sob a base da extravagância e do sentimentalismo. Foi constante, em José de Alencar, por exemplo, o desejo de ver o Brasil cada vez mais se afirmar como nação independente, política e culturalmente independente. E apesar de nossa língua literária, com Alencar, ter adquirido "cores, formas e sons mais matematicamente brasileiros; ou mais naturais, mais nativos, mais tropicais", no dizer de Gilberto Freyre, a verdade é que o romancista cearense nunca conseguiu se distanciar muito dos moldes clássicos portugueses. "É também exato que, pela fatalidade do momento, os índios da sua predile-

ção lhe saiam romantizados, traduzidos em atitudes européias desculturadas em tudo quanto pudesse impressionar desfavoravelmente ao público do tempo, despreocupado de Antropologia”, observa muito bem Prudente de Moraes Neto.

Indianismo, sertanismo, africanismo, caipirismo, todas essas manifestações serviram para a formação de uma autêntica consciência literária brasileira com a valorização de temas nacionais, mesmo quando artificial e exageradamente narrados. Tanto o *indianismo* como o *africanismo* (sobretudo a literatura abolicionista) tiveram importante papel na democratização racial entre nós, ou no movimento que vem consolidando a “democracia étnica”, atualmente existente no Brasil, valorizando os tipos minoritários e culturalmente — não etnicamente — inferiores. O *sertanismo* e a sua contrafação: o *caipirismo*, pondo em destaque as virtudes do homem do interior brasileiro, quase sempre vivendo tempos sociais diversos do homem do litoral, fortalece as tradições rurais, os costumes simples da gente do campo, impedindo não de maneira total, pela existência de outros fatores, um desprezo que acirrasse a rivalidade entre regiões urbanas e rurais. E nenhuma dessas tendências conseguiu dissolver e nem sequer arranhar a unidade nacional, antes lhe deram equilíbrio e fortalecimento. Movimentos artísticos de bases racistas não conseguiram tomar pé. Um pretendido teatro negro nem chegou a engatinhar. Uma literatura apenas do Norte, como foi proposta por Franklin Távora, não teve eco.

Mais tarde todas essas correntes foram repercutir, com maior ou menor intensidade, no Modernismo, de São Paulo, e no Movimento Regionalista e Tradicionalista — e a seu modo também modernista —, do Recife. No primeiro, é fácil a descoberta de fortes influências indianistas, a exemplo de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, do *Manifesto de Antropofagia*, de Oswald de Andrade, enquanto que, no movimento partidado do Recife, o *africanismo* teve maior predominância, bastando mencionar: *Irene*, de Manuel Bandeira, os *Poemas Negros*, de Jorge de Lima, *Jubiabá*, de Jorge Amado, *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, *Catimbó*, de Ascenso Ferreira. Aí o negro não aparece do modo que é encontrado na poesia de Castro Alves, protegido de maneira exaltada, e sim com destaque merecido, não apenas como injustiçado componente do nosso complexo racial, mas pela contribuição dada à cultura brasileira, a palavra cultura compreendida em sua acepção sociológica. E é apresentado sem rancores, sem tolerâncias, sem exaltações protecionistas. Gilberto Freyre salientou, desde logo, as possibilidades culturais do mulato brasileiro, observado de maneira sociológica, o que tinha sido feito por Roquette Pinto e Fróes da Fonseca do ponto de vista da Antropologia Física. Antes ninguém havia — ressalvando apenas algumas breves sugestões de Silvio Romero sobre o assunto — destacado, com estudos sistemáticos e de maneira profunda, essa contribuição importantíssima da raça negra para a nossa formação cultural.

Daí partiu Gilberto Freyre para o seu conceito de uma metarraça: a morenidade. Uma morenidade por cima de branquitudes, negritudes e amarelidades, que parece envolver docemente os contatos raciais entre brasileiros. A palavra moreno parece ter engolido mais da metade do preconceito racial que pudesse ter havido no Brasil. A palavra negro desaparece, progressivamente transformada em caboclo, crioulo e, sobretudo, moreno. O negro no Brasil não se considera um estrangeiro em relação ao grupo branco. É que não existe nele um *corpo negro*, mas um *corpo branco*, ou melhor: um *corpo moreno*. Não é obrigado a assumir, do modo que se observa em outros países, atitudes de negritude — uma negritude que, ao aparecer como movimento dirigido, pode significar uma espécie de racismo anti-racista de que fala Sartre —, mas uma responsabilidade de cidadão brasileiro, à proporção que estuda nas universidades. O importante é que a sua figura física não é considerada inferior, destoante ou exótica e nem o esvazia de sua condição social. É possível que algumas discriminações — discriminações e não preconceitos raciais — possam ser registradas nas classes altas ou “nobres”, as classes dos “quatrocentões”, por exemplo, nas demais classes essas discriminações não existem.

Gilberto afastou, varreu do pensamento brasileiro a expressão *triste mestiço*. Depois, alongando e aprofundando o seu conceito de regionalismo, ergue as bases de uma nova ciência: a Tropicologia. Uma Tropicologia que abarca sobretudo uma Hispanotropologia e uma Lusotropologia. Uma Tropicologia já reconhecida por centros científicos europeus. É vez, agora, de ser afastada a expressão *tristes trópicos*. No esboço dessa nova ciência, de tanta importância para o destino do Homem, obedece a critérios não apenas sociológicos, econômicos ou ecológicos, mas também antropológicos, histórico-sociais e psicoculturais. É necessário transcrever as suas próprias palavras, em *Além do Apenas Moderno*, o seu mais recente livro: “O homem brasileiro é, como tipo nacional de homem, singular em sua convergência de vários subtipos particulares. Como tipo ecológico, ele é expressão de Homem situado no Trópico — ou nos trópicos úmidos, áridos, subtropicais — com problemas de saúde, de higiene, de convivência próprios de todo homem assim situado neste ou naquele espaço ou espaço-tempo. Homem situado — da concepção brasileira reconhecida como universalmente válida pela Sorbonne — diferente de homem abstrato. Como tipo, além de ecológico, psicossociocultural de homem, ele é, mais especificamente, expressão do homem hispanotropical e, de modo ainda mais específico, de Homem lusotropical, isto é, consequência de um processo de integração de valores europeus em espaço tropical do qual participou originária, criadora e decisivamente, no caso do Brasil, o colonizador português logo misturado à gente indígena ou ameríndia e, algum tempo depois, à negra, importada da África; e cuja ação seria, a princípio, a de colonizadores auxiliares do português ou co-colonizadores; depois de miscigenados com europeus, ibéricos e ameríndios, à de autocolonizadores. Mais tarde viriam juntar-se a esses elementos

básicos vários outros culturalmente valorosos. O alemão, o italiano, o polonês. O sírio e o libanês. Ultimamente o japonês. Assim vem se processando a consolidação de um tipo nacional de homem brasileiro: à base de uma colonização de origem principalmente, embora não exclusivamente, portuguesa ou hispânica, estendida sobre espaços tropicais e subtropicais de modo quase sempre simbiótico, isto é, interpenetrando-se colonizador principal e colonizadores auxiliares — principalmente o africano — e colonizados — os ameríndios — quanto às suas etnias e quanto às suas culturas. Interpenetrando-se europeus, africanos, ameríndios e natureza ou ecologia tropical. E definindo-se crescentemente por um tipo novo de comportamento.”

Acontece-nos, em certos momentos, identificar Gilberto Freyre com o próprio Pernambuco. Algo assim como se o nosso Estado, saindo do mapa, se fizesse de carne e osso. É que o consideramos uma síntese de sua gente. Daí, frequentemente, ser alvo de sentimentos anti-pernambucanos. Quem tem raiva de Pernambuco, não podendo atacar um Estado inteiro, costuma canalizar ressentimentos contra ele. Edgar Allan Poe compreendia muito bem o mecanismo psicológico de caluniadores desse tipo: “Caluniar um grande homem é, para os mediócrs, o meio mais rápido de, por sua vez, alcançarem eles a grandeza. É provável que o escorpião jamais se tivesse tornado uma constelação, se não possuísse o ânimo de morder o calcanhar de Hércules.”

Gilberto Freyre é de Pernambuco do mesmo modo que um Joyce foi de Dublin, um García Lorca, de Granada, um Balzac, de Paris, um Guimarães Rosa, de Minas Gerais, um Eça de Queirós, de Lisboa, um Machado de Assis, do Rio de Janeiro, com alma, sangue e nervos. Irredutivelmente. Em toda a sua obra de caráter tão universal, reconhecida e admirada, repita-se, por centros culturais europeus e norte-americanos, descobre-se um sopro pernambucano, como se o escritor sentisse a necessidade de dizer onde nasceu, apresentar a sua carteira de identidade. “Sou de Pernambuco”, costuma dizer de todas as maneiras possíveis, mesmo quando não se refere diretamente ao seu local de nascimento. Ser pernambucano, para ele, constitui uma espécie de privilégio, um título de nobreza adquirido naturalmente. E tornou-se também um compromisso. É uma espécie de cavaleiro andante na defesa das nossas tradições e do nosso progresso, do nosso ontem, do nosso hoje e do nosso amanhã, nunca se eximindo de travar nenhum combate, por mais áspero que ele seja, chegando até mesmo a arriscar a própria vida nos idos de 45, quando chegou a ser preso pela polícia-política do Estado Novo.

Gilberto Freyre escolheu um subúrbio recifense para morar. Muitos sabem que ele poderia viver materialmente bem em qualquer parte do mundo, mas sempre recusou propostas vantajosas de instituições estrangeiras; preferindo permanecer em Apipucos, viajando apenas para receber homenagens, como no caso do Prêmio Aspen, norte-americano, e do La Mandonina, italiano, pronunciar conferências, receber

títulos de Doutor *Honoris Causa*, conferidos por Universidades como Columbia, Coimbra, Munster, Sussex, Sorbonne, entre outras.

De certo modo — lamentamos que algumas pessoas não sintam assim — é uma maneira também de Pernambuco ser distinguido, numa consideração que se estende à toda cultura pernambucana. José Lins do Rego dá o testemunho sobre esse amor a Pernambuco — um amor que, segundo Gilberto Freyre, não exige retribuições — no prefácio de *Região e Tradição*: “O retorno desse nativo era como de um noivo que viesse mesmo para se casar com a terra e que se quisesse integrar inteiramente nela. Eu pensava que tudo aquilo lhe devesse repugnar; tudo lhe deveria ser desagradável, a ele que estivera nas civilizações mais requintadas. E pelo contrário. O Pernambuco que Gilberto Freyre queria para sua paixão, para os seus regalos, para a sua ternura, era o Pernambuco que ninguém via, o subterrâneo, o íntimo, o que dera os senhores de engenho fidalgos, os bispos trágicos e o povo capaz de expulsar os holandeses e fazer o carnaval mais alegre do mundo. O povo simples das revoluções liberais e o povo camaradeiro dos bumbas-meu-boi e o povo triste dos maracatus”.

Gilberto Freyre sabe que a fonte de sua inspiração é pernambucana. As metas do seu pensamento são supernacionais, os fins abarcam a humanidade inteira numa visão poderosa de pensador moderno. Os seus métodos de abordagem do social e do humano, como já foi dito, são vários, misturando realismo mágico (o que o faz também um antecipador) com raízes pernambucanas e brasileiras, “romantismo” regionalista e tradicionalista e modernismo, métodos de investigação particulares, gilbertianos (ele é o seu próprio método), prognósticos de futurologista (o surgimento de novas e vigorosas civilizações tropicais), maneira de escrever ricamente inventiva e pessoal. O seu programa político está delineado nos livros que escreveu e, de modo particular, no programa que traçou, sem compromisso partidário, para a Arena. “O meu partido é o Brasil” — ele pode dizer como André Malraux em relação à França — o mundo de fala portuguesa, enxergando por cima de estreitismos partidários. É o profeta de uma nova civilização, mestiça, morena, plena de conciliações raciais, regionais, políticas, artísticas: a brasileira. Uma civilização que possa dar ao mundo, sobretudo a países situados em regiões tropicais, um exemplo novo e vigoroso de organização social e política, superador de já cansadas ideologias. Do mesmo modo que soube interpretar de maneira profunda os velhos caminhos da nossa formação, visualiza os novos rumos brasileiros dentro do vasto mundo tropical.

Em Gilberto Freyre, devemos atentar para a sua repulsa a sectarismos e ortodoxias, mesmo, por paradoxal que pareça, admirando alguns mártires sectários e ortodoxos. Exclui sempre do seu pensamento as expressões negativas de existir, fórmulas exclusivas, no ânimo de se apoderar da vida de uma maneira total e ampla. O seu amor

a Pernambuco não significa excluir outras regiões nacionais do seu bem-querer. É que sendo pernambucano, sente-se mais brasileiro, mais de outros estados, mais apto a compreender o verdadeiro espírito nacional. Uma capacidade admirável para interpretar, em seus diversos ângulos, os complexos aspectos da cultura brasileira. Acumulou-se nele o próprio gênio da velha província pernambucana. E tornamos a dizer: possui um sentimento vital, impregnando-se sempre de valores seletivos do dia que é novo, vendendo no presente projeções claras do futuro, compreendendo, como poucos, a eternidade de cada momento. Pessoal no sentir e no intuir, lógico e inspirado ao mesmo tempo, acreditando em aparições à maneira de um Blake e de um Yeats, não apenas nas sobrenaturais, mas nas epifanias esclarecedoras de todo tipo. E o que é mais importante: sempre independente diante das regras estéticas e morais convencionais ou da moda. É um além do apenas moderno.

Acreditamos que Gilberto Freyre, ao sentir-lhe doer o coração, tenha dito para si mesmo: "Pernambuco me dói". Um pernambucano mais completo do que Joaquim Nabuco. Havia em Nabuco, com toda a sua pernambucanidade, um toque cosmopolita, acentuado nos seus últimos dias. Foi um popular apenas nos dias de mocidade. O autor de *Casa-Grande & Senzala*, possuindo um pensamento de maior força universal, mais criador, inovador e renovador, é mais do seu chão, mais povo, sem deixar também de admirar certas formas aristocráticas de viver e conviver.

Gilberto Freyre, quando deputado federal por Pernambuco em 1949, criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Uma justa homenagem sobretudo ao Joaquim Nabuco que se preocupava com o trabalhador rural numa fase pós-abolicionista. Não procurou copiar modelos europeus ou norte-americanos, como sempre, mas dentro do seu sentido de ciência ligada à vida, firmou métodos interdisciplinares de pesquisas, dando prioridade a estudos regionais que explicassem, partindo do particular para o geral, a problemática do homem brasileiro situado nos trópicos. Um Instituto de Pesquisas que servisse de instrumento orientador para as execuções administrativas estaduais e federais.

A obra de Gilberto Freyre possui um claro sentido de modernidade. O seu livro *Além do Apenas Moderno* bem atesta as nossas palavras. Moderno ele continua através de suas antecipações no campo das Ciências Sociais e pela visão de escritor e pensador ligado à sua época, sensivelmente seletivo às tradições, mas delas se servindo para explicar e justificar o presente, esclarecer o passado e antever o futuro. Sendo assim, os seus livros não cheiram a mofo, nem pertencem a correntes saudosistas, pois Gilberto Freyre está sempre indagando, sugerindo, procurando explicações, de antenas ligadas para os problemas do seu tempo e de outros tempos que estão para chegar. E não é ultrapassado nem fossilizado aquele que se antecipa, vê com os seus próprios olhos, possui um sistema de pensamento seu. Não pode-

mos simplificá-lo como desejam alguns críticos ingênuos. É um homem múltiplo com as suas contradições e incoerências: combinação de clássico e de romântico, de erudito e de homem bem vivido, de regionalista e universalista, de tradicionalista e de modernista, de poeta e de cientista, de homem de casa-grande e de homem do povo, de místico e de cético. A plasticidade do seu espírito criador foi forjada nas fontes mais diversas, desde Oxford até o Clube das Pás. Muito jovem frequentou os mocambos e não apenas os sobrados afidalgados do Recife, os clubes populares, os restaurantes do Mercado, as brigas de galo, as festas de Padroeiro, os meses de maio, os xangôs, guardou os cheiros e os coloridos dos bolos de Casas-Grandes e de tabuleiros, não esqueceu as estórias de mal-assombrado, os banhos de rio, os aspectos sexualmente coniventes dos velhos quintais recifenses, conviveu com Estácio Coimbra, senhor de engenho afidalgado, e com Pai Adão, babalorixá com maneiras de príncipe. Para o autor de *Assombrações do Recife Velho*, a sombra do Cabeleira, matando mulheres e crianças, ainda continua nas margens do Capibaribe.

A aparição de Gilberto Freyre como pintor é e não é uma surpresa. Não é surpresa para os que conhecem o fato de ter ele começado a exprimir-se, quando menino, não escrevendo — só aos 8 anos aprendeu a escrever: tinha horror a livro e a escrita — porém desenhando e pintando. Ao tornar-se escritor, não deixou de ser, latentemente, pintor. Sabemos, como já foi dito no início deste ensaio, que sua expressão é pictórica: sensualmente pictórico, até, o seu modo de escrever. Também é mais sugestivo do que exaustivo: E ainda: é nada fotográfico e sim interpretativo e, portanto, pessoal, personalíssimo. Como pintor ele seguiu o seu modo de ser escritor: exprimir-se através de vários métodos e não de um só: Não é folclórico nem acadêmico. Há sugestões de paisagens européias em alguns dos seus quadros, é verdade, mas os seus temas preferidos dizem respeito aos valores mais simbólicos da vida cultural nordestina, sobretudo de Pernambuco. As intenções interpretativas e de síntese do escritor se prolongam no pintor. Distorcendo as figuras de maneira consciente: poderá ser considerado, por pessoas menos avisadas; um primitivo. Sendo anticonvencional, do mesmo modo poderá ser considerado inseguro e sem preciso domínio técnico. Tais coisas, porém, não devem ser confundidas com originalidade e personalidade: Alguns dos seus quadros, mesmo denotando, a primeira vista, alguma coisa de infantil e ingênuo, são reveladores de uma forma própria, particular, expressiva, brasileira, tropical, de interpretação plástica.

Ainda muito jovem, Gilberto Freyre caricaturou algumas pessoas importantes que conheceu. Uma forma de caricaturar em que deformando aspectos físicos do caricaturado não o diminuía nem o ridicularizava, antes expressava, realçava o que fosse inconfundivelmente ele próprio, o que mais o distinguísse das outras pessoas. Caricaturou também grandes brasileiros transformados em mitos: Rui Barbosa e Santos Dumont, por exemplo. Ambos "amarelinhos", baixinhos e

franzinos, mas merecedores do respeito de outros países, por serem possuidores de engenhosidade e superior inteligência. Representantes bem expressivos do mito tão brasileiro do "amarelinho". São caricaturas valiosas, dignas de museus e dos melhores colecionadores. Seus encontros com Amy Lowell, Tagore, Giddings, Oliveira Lima, Vachel Lindsay, Vicente do Rego Monteiro, inglesas vitorianas desgarradas no Recife, não foram apenas registrados no seu Diário Íntimo. O escritor sentiu como que uma necessidade de caricaturá-los para não perdê-los, não confiando de todo na memória nem na força reconstruidora da frase. Quem souber olhar descobrirá as palavras de um grande escritor se transformando em traços de desenhista. Algumas delas, pela expressão, pela originalidade, pelo poder de síntese, lembram os melhores perfis biográficos já escritos por Gilberto Freyre.

